FACULDADE DO BAIXO PARNAÍBA
CURSO DE PEDAGOGIA

CAMILLA MAYARA GOMES GUIMARAES
FRANCISCA ELIZANE DOS SANTOS
LUCIANA DE JESUS CORREIA

ALFABETIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: um olhar sobre a realidade da Escola Unidade Integrada Vivendo e Aprendendo.

Chapadinha
2012

CAMILLA MAYARA GOMES GUIMARAES
FRANCISCA ELIZANE DOS SANTOS
LUCIANA DE JESUS CORREIA

ALFABETIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: um olhar sobre a realidade da Escola Unidade Integrada Vivendo e Aprendendo.

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia da Faculdade do Baixo Parnaíba – FAP como exigência para obtenção grau de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Nívia Maria Silva Bastos.

Chapadinha
2012

Guimarães, Camilla Mayara Gomes.

Alfabetização na educação de jovens e adultos: um olhar sobre a realidade da escola Unidade Integrada Vivendo e Aprendendo / Camilla Mayara Gomes Guimarães; Francisca Elizane dos Santos; Luciana de Jesus Correia . – Chapadinha, 2012.

56 f.

Monografia (Graduação em Pedagogia) – Curso de Pedagogia, Faculdade do Baixo Parnaíba, 2012.

1. Alfabetização 2. Educação de Jovens e Adultos 3.Ensino e prática docentes I. Santos, Francisca Elizane dos; II. Correia, Luciana de Jesus. III. Título.

CDU- 374.7:37.014.22 (812.1)

CAMILLA MAYARA GOMES GUIMARAES
FRANCISCA ELIZANE DOS SANTOS
LUCIANA DE JESUS CORREIA

ALFABETIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: um olhar sobre a realidade da Escola Unidade Integrada Vivendo e Aprendendo.

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia da Faculdade do Baixo Parnaíba – FAP como exigência para obtenção grau de Licenciatura em Pedagogia.

Aprovada em / /

BANCA EXAMINADORA

_____
Prof.ª Esp. Nívia Maria Silva Bastos (Orientadora)
Especialista em Docência do Ensino Superior

_____
(1º Examinador)

_____
(2º Examinador)

Aos nossos pais, irmãos e companheiros pelo incentivo, compreensão e paciência, pelos momentos que estivemos ausentes de suas vidas.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Deus por nos ter guiado e iluminado nosso pensar e nosso agir, fazendo com que obtivéssemos progresso e êxito em nossa pesquisa.

À Faculdade do Baixo Parnaíba, sob a administração da Professora Raimunda Nonata Fortes Braga, por nos dar oportunidade da conclusão desse curso.

Aos funcionários da Faculdade do Baixo Parnaíba, e, em especial, a auxiliar bibliotecária Maria dos Milagres, por sua assistência em nossa pesquisa bibliográfica.

À professora Nívia Maria Silva Bastos por sua orientação e disponibilidade e competência durante a realização deste trabalho monográfico.

Aos funcionários e alunos da Unidade Integrada Vivendo e Aprendendo.

Aos nossos familiares e amigos pelo incentivo e compreensão durante o curso.

Resumo

O presente trabalho apresenta uma análise sobre a importância da alfabetização na Educação de Jovens e Adultos – EJA - com o objetivo de investigar se há êxito no processo de ensino e aprendizagem. No decorrer da pesquisa, constatou-se que a metodologia do professor utilizada em sala de aula é fundamental e, quando inadequada, ela constitui um dos fatores que dificulta a aprendizagem dos alunos nessa modalidade de ensino. Por isso, a EJA necessita de ações pedagógicas direcionadas a esse público específico para desenvolver as potencialidades desses alunos na construção do conhecimento, preocupação que deveria não ser somente da escola como também da sociedade. Dessa forma, realizou-se a coleta de dados através da observação e questionário para constatar esse fato. Utilizou-se, entre outros autores, Paulo Freire, para fundamentação teórica, que enfatiza a alfabetização como ferramenta necessária para o exercício da cidadania. Com base na pesquisa realizada, pode-se afirmar que a Educação de Jovens e Adultos é um universo amplo e rico para a escolarização e possui um importante aspecto cultural e social na comunidade.

Palavras-chave: Alfabetização. Educação de Jovens e Adultos. Ensino. Prática docente.

Abstract

This work presents an analysis of the importance of literacy in Youth and Adult Education - EJA - in order to investigate if there is success in teaching and learning. During the research, it was found that the methodology used in the teacher's classroom is fundamental and, when inappropriately, she is one of the factors that hinders student learning in this type of education. Therefore, the EJA requires pedagogical actions directed to that specific audience to develop the potential of these students in the construction of knowledge, concern should be not only the school but also the society. Thus, there was the collection of data through observation and questionnaires to verify this fact. It was used, among other authors, Paulo Freire, for theoretical foundation that emphasizes literacy as a necessary tool for the exercise of citizenship. Based on the survey, it can be stated that the education of youth and adults is a vast and rich universe for schooling and has an important social and cultural aspect of the community.

Keywords: Literacy. Youth and Adults. Teaching. Teaching practice.

Simplesmente, não posso pensar, pelos outros, nem para os outros, nem sem os outros.

Paulo Freire

LISTA DE GRÁFICOS

p.

Gráfico 1 - O que você leva em consideração no ensino e aprendizagem?.. 38

Gráfico 2 - No plano de aula você leva em consideração? 39

Gráfico 3 - Na sua via vivência em sala de aula você reflete sobre quem está ensinando ou por que planejei de tal forma 39

Gráfico 4 - Na alfabetização quais os recursos utilizados em sala de aula? . 40

Gráfico 5 - Seu professor utiliza metodologia adequada em sala de aula? .. 42

Gráfico 6 - O que levou você a estudar na EJA? 43

Gráfico 7 - Em sua opinião o que é necessário mudar na EJA? 43

SUMÁRIO

		p.
	LISTA DE GRÁFICOS	9
1	**INTRODUÇÃO**.....	11
2	**UM OLHAR SOBRE O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL**.....	14
2.1	**Histórico da educação de jovens e adultos no Brasil (EJA)**.....	16
2.2	**As concepções pedagógicas da alfabetização na educação de jovens e adultos**.....	20
2.3	**A contribuição de Paulo Freire na educação de jovens e Adultos**.....	21
3	**A FORMAÇÃO DO ALFABETIZADOR NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**.....	24
3.1	**O perfil do aluno na educação de jovens e adultos**.....	26
3.2	**A influência da teoria e prática do professor na educação de jovens e adultos**.....	28
4	**A DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**.....	31
4.1	**A conscientização na educação de jovens e adultos**.....	33
4.2	**Estratégias de aprendizagem na EJA**.....	36
5	**ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA**.....	39
6	**CONCLUSÃO.**.....	48
	REFERÊNCIAS.....	50
	APÊNDICES	53

1 INTRODUÇÃO

A alfabetização de Jovens e Adultos surgiu inicialmente com a finalidade de ensinar aos sujeitos somente a ler e escrever. Com passar do tempo, a Educação de Jovens e Adultos – EJA – passou por modificações no ensino visando a uma educação de melhor qualidade.

Neste sentido, a presente pesquisa tem como intuito perceber se os professores da Educação de Jovens e Adultos estão trabalhando adequadamente no processo de alfabetização. E se eles utilizam uma didática de acordo com a realidade do aluno, para que ele assim possa atribuir novas formas de atuar no meio social.

Através dos objetivos a serem alcançados, gerou-se algumas questões norteadoras:

- De que forma a escola pode trabalhar junto à comunidade, de modo que as atividades pedagógicas, científicas, sociais, esportivas e culturais estejam inseridas no contexto do aluno?
- Como a Unidade Integrada Vivendo e Aprendendo pode estimular a criatividade de forma plena dos alunos?
- Como o educador pode usar seus conhecimentos adquiridos em sua formação para contribuir com seus alunos?

É nesse aspecto que o professor e o aluno devem manter uma relação harmoniosa, de diálogo, para que o aluno possa desenvolver suas potencialidades e sua capacidade de adaptação, ampliando seus conhecimentos de forma significativa.

Quando se fala em alfabetização, vale lembrar que o professor deve estar devidamente capacitado para exercer sua função, de maneira que seu papel seja de valorizar as habilidades que os alunos carregam consigo, fazendo com que eles se sintam incluídos no meio social.

Diante dessas condições, o professor deve agir em parceria com a escola para que juntos possam desenvolver um trabalho significativo, contribuindo para uma educação de qualidade.

“O ensino mais do que promover a acumulação de conhecimentos, cria modos e condições de ajudar os alunos a se colocarem ante a realidade para pensá-

la e atuar nela". (LIBÂNEO, 2003, p. 37). Nesse sentido, Libâneo afirma que o ensino tem como finalidade a formação do aluno para a construção do conhecimento, fazendo com que eles obtenham habilidades para compreender os conteúdos e paradigmas sociais.

Com base na bibliografia pesquisada sobre o tema, analisou-se que a Educação de Jovens e Adultos era focalizada em alfabetizar aqueles que não tiveram a oportunidade de estudar na idade apropriada. "O analfabetismo é a expressão de pobreza [...]". (GADOTTI, 2008, p.32). Partindo dessa afirmação, percebe-se que as condições de vida precárias são um dos fatores que inviabilizam o acesso à escola e, consequentemente, dificultando a vida escolar de pessoas menos favorecidas.

Sabe-se que a Educação de Jovens e Adultos busca meios para minimizar a deficiência da educação brasileira, possibilitando, assim, avanços para a modalidade de alfabetização. Desse modo, o professor alfabetizador busca uma formação contínua para trabalhar adequadamente em sala de aula.

As concepções pedagógicas tratam de uma realidade de mundo, na qual buscam uma formação e preparação do homem para o meio social. Dessa forma, são os professores que procuram meios para inovar o ensino na EJA, para que possam socializar e buscar uma nova forma de construir o conhecimento.

Então, esta pesquisa analisa as práticas pedagógicas dos professores na alfabetização de jovens e adultos, na escola Unidade Integrada Vivendo e Aprendendo, onde foram observadas as metodologias utilizadas pelos professores.

A pesquisa foi realizada através de uma abordagem quantitativa e qualitativa, em que foram utilizados os processos etnográficos, além dos levantamentos bibliográficos e fichamentos, baseados no tema abordado. Na escola-campo, foram feitas observações e utilizou-se questionários e entrevistas relacionadas à comunidade escolar.

"[...] Toda pesquisa pode ser, ao mesmo tempo, quantitativa e qualitativa. Na prática ocorre que toda investigação baseada na estatística, que pretende obter resultados objetivos, fica exclusivamente no lado estatístico [...]". (TRIVIÑOS, 2008, p. 118).

Assim, considerando-se que toda pesquisa quantitativa é também qualitativa, os objetivos da primeira pretendem auxiliar na busca de resultados para uniformizar suas possibilidades e práticas.

A Unidade Integrada Vivendo e Aprendendo tem 06 (seis) turmas para a modalidade de ensino EJA, que funcionam no período noturno. A pesquisa foi feita em 02 (duas) turmas, sendo uma do 5º e 6º ano com 27 alunos, e outra do 8º e 9º ano com 20 alunos. Participaram da pesquisa 05 (cinco) alunos do 5º e 6º ano, 05 (cinco) alunos do 8º e 9º ano, 02 (dois) professores e 01 (uma) gestora.

A pesquisa monográfica encontra-se dividida em seis capítulos. A introdução refere-se a uma trajetória metodológica desenvolvida durante a pesquisa; no capítulo “Um olhar sobre o processo de alfabetização no Brasil” faz reflexões sobre as concepções pedagógicas com relação ao processo de alfabetização; “A formação do alfabetizador na educação de jovens e adultos” discute a formação do professor e seu desenvolvimento em sala de aula, refere-se ao profissionalismo do educador; “A dificuldade de aprendizagem no processo de alfabetização na educação de jovens e adultos” contextualiza as dificuldades encontradas no processo de alfabetização, levando em conta a conscientização e as estratégias de ensino; “Caracterização da escola-campo”, onde foram coletados os dados da pesquisa em relação à alfabetização, realizados com alunos, professores e gestor; e nas considerações finais foram feitas ressalvas sobre as metodologias e práticas educativas da escola pesquisada.

2 UM OLHAR SOBRE O PROCESSO DA ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL

A alfabetização no Brasil foi um processo lento, iniciado pelos jesuítas na catequização dos índios, em que eles mesmos não tinham uma formação adequada para trabalhar com a alfabetização do indivíduo.

Com a chegada do primeiro governador-geral Tomé de Sousa em 1549, sobre o comando do padre Manoel da Nóbrega e diversos jesuítas, foi criada, na cidade de Salvador, a primeira escola para aprender a ler e escrever.

Em 1530, iniciou-se a colonização, baseado na monocultura da cana-de-açúcar, ela se expandiu por todo o país, na qual os senhores grandes proprietários de terra recorriam ao trabalho escravo, não dando importância para os trabalhadores, pois eles achavam desnecessário o estudo.

> Era difícil a empreitada de instalar um sistema de educação em terra estranha e de povo tribal. De um lado, os indígenas de língua e costume desconhecidos e, de outro, os colonizadores portugueses, que para cá vieram sem suas mulheres e famílias, muito rudes e aventureiros, com hábitos criticados pelos religiosos. (ARANHA, 2006, p.140).

Com base nesse contexto, os jesuítas encontraram uma grande dificuldade em organizar um ensino para os índios e os filhos dos colonizadores, uma vez que os indígenas tinham hábitos e línguas diferentes, tiveram que se adaptar de acordo com os costumes e cultura dos colonizadores portugueses, e isso não foi nada fácil, houve muitas críticas.

O papa Paulo III aprovou em 1534 a Companhia de Jesus, que foi fundada por Inácio de Loyola e que tinha como objetivo tornar o povo cristão, ou seja, fiéis a Deus. No século XVI, houve um momento marcante da Companhia de Jesus, em que um dos jesuítas aprendeu a língua dos índios, desse modo, facilitou a comunicação entre os jesuítas e os índios, principalmente, na transmissão do que o papa ensinava aos fiéis.

Em 1573, a educação era voltada para catequizar os índios e os filhos dos colonizadores, o ensino era diferenciado, sendo que os índios eram alfabetizados somente pelo catecismo, pois os jesuítas não queriam que o povo não perdesse a fé. Os filhos dos colonizadores, por sua vez, podiam ser alfabetizados além do catecismo. Os métodos de ensino dos jesuítas não eram desconhecidos do cotidiano.

Em 1759, os jesuítas foram expulsos por Marquês de Pombal, e ele reformulou o ensino da época, tornando-o mais rigoroso, dando início à educação leiga. No ano de 1772, os professores passaram a ser vistos com prioridade, pois a partir daí, o Estado passa a pagá-los, sem deixar o ensino religioso de lado. E em 1773, o papa Clemente XIV aboliu a Companhia de Jesus.

No ano de 1820, criou-se várias instituições técnicas, na qual o ensino era voltado para as indústrias e o comércio. Com isso, expandiu-se a economia do país. A partir de 1837, foram instaladas as escolas normais nas zonas urbanas e rurais, e a educação pública desenvolveu-se por todo o Estado.

No século XIX, ocorreram várias reformas no ensino, tornando-o mais rigoroso e, assim, diminuiu o índice de analfabetismo. No século seguinte, o ensino tradicional foi bastante questionado e, daí, surgiu o positivismo com outros métodos de ensino, em que havia à disposição da sala de aula materiais e recursos didáticos como filme, televisão, disco etc.

E nessa mesma época, surgiram alguns teóricos para dar suporte na alfabetização, dentre eles: Emília Ferreiro e Ana Teberosky. “Muitos educadores explicam as dificuldades e insucessos da alfabetização pela a ineficiência dos próprios mestres, pela ineficácia dos métodos ou do material didático [...].” (ARANHA, 2006, p. 278).

Partindo desse entendimento, é oportuno mencionar que alguns professores utilizam a falta de recursos para a justificativa dos insucessos da aprendizagem, na maioria das vezes, de acordo com eles, a escola não oferece os materiais necessários para se trabalhar na sala de aula, fazendo com que as dificuldades de ensino se tornem maiores.

Portanto, a partir de tantas críticas, a educação passou por várias transformações, sendo que hoje, em pleno século XXI, a educação ainda precisa melhorar, pois é uma necessidade do mundo contemporâneo que os sujeitos busquem a conscientização do seu papel na sociedade, sobretudo, no que se refere à sua participação ativa, democrática.

2.1 O breve histórico da Educação de Jovens e Adultos no Brasil (EJA)

No Brasil, a educação de adultos surgiu na década de 30, dando a oportunidade de estudo aos homens e mulheres que não tiveram acesso à educação na idade adequada. A educação era voltada para o ensino religioso e eles eram doutrinados pela igreja. Sendo que este ensino não era o suficiente para o desenvolvimento integral das pessoas.

A campanha de educação de adultos foi dividida em duas etapas, sendo que a primeira foi no período de 1947 a 1949 e aconteceram grandes conquistas no ensino; já a segunda, no período de 1950 a 1954, o programa não teve muito sucesso, o que levou ao desânimo, principalmente na zona rural, e não teve tanto progresso na zona urbana e, em razão disso, no final dessa década, extinguiram o programa.

No ano de 1947, surgiu o primeiro Congresso Nacional de Educação de Adultos, e em um seminário destacou-se que o maior objetivo era popularizar o ensino supletivo nos estados e municípios, para diminuir os índices de analfabetos. Já no segundo congresso de 1958 a 1964, houve um evento no qual Paulo Freire foi um dos contribuintes para a implementação de um programa de alfabetização no qual ele implantou um Plano Nacional de Alfabetização de Adultos, através desse plano ele demonstrou sua concepção de ensino. Esse programa foi extinto pelo golpe militar em 1964 no governo de João Goulart.

Portanto, todos esses movimentos tinham o intuito de promover mudanças no ensino, buscando a superação do analfabetismo. Além desses congressos, houve também as conferências.

Segundo Gadotti (2008, p. 34):

> A partir da I Conferência Internacional sobre a Educação de Adultos, realizada na Dinamarca (1949), a educação de adultos foi concebida como uma espécie de educação moral [...]. II Conferência Internacional sobre a Educação de Adultos, realizada em Montreal (1963), aparecem dois enfoques distintos: [..]. Educação permanente, e, de outro lado, a educação de base ou comunitária. Depois da III Conferência Internacional sobre a Educação de Jovens e Adultos realizada em Tóquio (1972), a educação voltou a ser entendida como suplência da educação fundamental (escola formal). [...]. A IV Conferência Internacional sobre a educação de adultos, cidade de Paris, que se caracterizou pela pluralidade de conceitos [...].

Nesse sentido, as conferências contribuíram para a qualidade do ensino, sendo que na primeira, o objetivo era modificar a educação popular em moral. A

segunda é vista como a continuação da educação formal. Na terceira conferência, o objetivo era interligar os jovens e adultos e, principalmente, os analfabetos. Na quarta, o foco principal era a educação de adultos.

A educação popular vem se contrapor à educação de adultos, por considerar apenas o senso comum, o que o povo conhece. Nesse sentido, esta educação tinha o objetivo de alfabetizar os adultos, partindo de suas vivências e levando-as para o contexto escolar.

Para Gadotti (2008, p.30):

> [...] um dos princípios originários da educação popular tem sido a criação de uma nova epistemologia baseada no profundo respeito pelo senso comum que trazem os setores populares em suas práticas cotidianas, problematizando esse senso comum, tratando de descobrir a teoria presente na prática popular, teoria ainda não conhecida pelo povo, problematizando-a, incorporando-lhe um raciocínio mais rigoroso cientifico e unitário.

Partindo dessa visão, a educação popular está baseada no senso comum, sendo que os professores consideram o saber que os alunos já possuem, o popular, fazendo a busca pelo conhecimento científico, uma vez que é necessário que eles tenham um conhecimento mais elaborado.

Na década de 70, surgiu o MOBRAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização) com o objetivo de erradicar o analfabetismo e levar a população a participar ativamente no seu meio social.

Em 1980, os professores brasileiros se preocuparam com as cartilhas de alfabetização, que tinham palavras, frases isoladas do contexto dos alunos. As propostas pedagógicas orientavam que os textos, frases e palavras deveriam ser trabalhados a partir da realidade do aluno, para que ele pudesse ter uma aprendizagem significativa.

Logo após a primeira LDB de 1961, surgiu o primeiro Plano Nacional de Educação. E no ano de 1966, passou por algumas alterações, até então, ele não havia sido aprovado, só a partir da Constituição de 1988 que o Plano Nacional entrou em vigor.

No ano de 1990, cria-se no Brasil o PNAC (Plano Nacional de Alfabetização e Cidadania) que foi abolido no ano seguinte. No mesmo ano, foi criada a Comissão Nacional de Alfabetização que era comandada por Paulo Freire, tendo como objetivo formular metas de aprendizagem para a alfabetização.

Na Constituição de 1988, no artigo 214, consta que:

> A lei estabelecerá o plano nacional de educação, de duração decenal, com o objetivo de articular o sistema nacional de educação em regime de colaboração e definir diretrizes, objetivos, metas e estratégias de implementação para assegurar a manutenção e desenvolvimento do ensino em seus diversos níveis, etapas e modalidades por meio de ações integradas dos poderes públicos das diferentes esferas federativas que conduzam a:
> I - Erradicação do analfabetismo;
> II - Universalização do atendimento escolar;
> III - Melhoria da qualidade do ensino;
> IV - Formação para o trabalho;
> V- Promoção humanística, científica e tecnológica do país.
> VI - Estabelecimento de metas de aplicação de recursos públicos em educação como proporção do produto interno bruto (BRASIL, 2012, p. 162).

Nesse contexto, a Constituição de 1988 propõe uma educação com qualidade de ensino, por meio de ações que envolvem as diferentes modalidades de ensino, porém, muitas dessas propostas, até hoje, não se concretizaram.

O Plano Nacional de Educação foi elaborado entre 1993 e 1994, sendo aprovado no final do governo Itamar Franco.

Entretanto, para Didonet (2000, p.19): “Em 1996, é aprovada a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394, que insiste no Plano Nacional de Educação, em sintonia com a Declaração Mundial sobre Educação para Todos, com duração de dez anos [...].” A partir dessa visão, a nova lei da LDB tem muitas metas a serem cumpridas por 10 anos, sendo que elas têm o compromisso de universalizar o ensino. A elaboração do Plano Nacional de Educação teve a contribuição dos governos estaduais e municipais, e o Ministério da Educação e Cultura – MEC – foi o coordenador. Apesar de tantos avanços, sabe-se que a educação precisa melhorar ao atendimento da EJA, pois esse nível é bastante discutido e pouco se faz efetivamente por ele, o desejo que é esse projeto não fique apenas no discurso, que ele seja colocado em prática.

A partir do governo de Luís Inácio Lula da Silva, criou-se o programa Brasil Alfabetizado, dando continuidade à Educação de Jovens e Adultos. Depois que ele assumiu o governo, a população brasileira se desenvolveu bastante em vários aspectos, principalmente, com relação à educação, pois o programa da EJA tem se destacado em todos os estados, fazendo com que os analfabetos busquem outras perspectivas de vida.

A proposta curricular de ensino do município de Chapadinha, que tem suas diretrizes tanto para a educação básica como para a educação de jovens e adultos reelaborada a cada 4 (quatro) anos, propõe uma educação de qualidade a

todos os sujeitos. No caso dos jovens e adultos, ela tem como objetivo possibilitar a eles uma oportunidade de escolarização, e para que tenha êxito no processo educativo, ela reorganiza suas práticas e metodologias para esta modalidade. Sendo assim, a Secretaria Municipal de Educação de Chapadinha, (2008. p. 30) vem propor alguns objetivos que são:

- Desempenhar de modo consciente e responsável seu papel social no cuidado com a educação dos educandos, no âmbito da família e da comunidade;
- Valorizar a educação como meio de desenvolvimento pessoal e social;
- Valorizar auto-estima e confiança dos educandos para que fortaleça os seus processos de aprendizagem.

Nessa concepção, a proposta curricular para a EJA traz alguns objetivos a serem alcançados no município de Chapadinha que possibilitem o processo de ensino e aprendizagem, considerando os seus aspectos socioculturais.

A educação de jovens e adultos é gratuita. Essa modalidade de ensino é noturna, podendo, assim, garantir o ensino para aqueles que são trabalhadores e não tiveram a oportunidade de estudar na sua juventude.

Segundo Brandão (2010.p. 102,104), no artigo 37e 38:

> 37 - A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.
> 1° - Os sistemas de asseguração gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vidas e de trabalho, mediante cursos e exames.
> 2° - O poder público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si.
> 3° - A educação de jovens e adultos deverá articular-se preferencialmente com a educação profissional, na forma de regulamento.
> 38 - Os sistemas de ensino manterão cursos e exames supletivos, que compreenderão a base nacional comum do currículo, habilitando ao prosseguimento de estudos em caráter regular.
> §1º - Os exames a que se refere este artigo realizar-se-ão:
> I - No nível de conclusão do ensino fundamental, para os maiores de quinze anos;
> II - No nível de conclusão do ensino médio, para os maiores de dezoito anos.
> §2º - Os conhecimentos e habilidades adquiridos pelos educando por meios informais serão aferidos e reconhecidos mediante exames.

A educação é um instrumento fundamental para a inserção na sociedade, por isso que jovens e adultos estão cada vez mais procurando estudar na EJA. O mercado de trabalho, por exemplo, está dando oportunidades para estas pessoas e,

consequentemente, eles precisam estar preparadas para atender às exigências de trabalho.

Sendo assim, Brasil (2001, p. 118) afirma que [...] “possibilita ao indivíduo jovem e adulto retomar seu potencial, desenvolver suas habilidades, confirmar competências adquiridas na educação extra-escolar e na própria vida e um nível técnico e profissional mais qualificado." Nesse sentido, essa modalidade de ensino tem um grande desafio com a educação jovens e adultos, pois esses estudantes estão em busca de uma nova oportunidade, ou seja, a educação é um ponto de partida para qualquer pessoa, desde que ela se preocupe com o mundo social, porque com o mundo cada vez mais globalizado, o indivíduo precisa está preparado para atender às exigências e, principalmente, no mercado de trabalho.

2.2 As concepções pedagógicas da alfabetização na educação de jovens e adultos

Sabe-se que as concepções pedagógicas partem da realidade de mundo do ser humano, na qual são observadas e analisadas as relações e reações dos indivíduos. De acordo com Pimenta (2009, p.63) [...]: “O mundo é a realidade que existe para o homem na perspectiva do conhecimento que o próprio homem tem dele e da ação afetiva sobre ele.” Nesse sentido, o homem utiliza vários mecanismos numa perspectiva pedagógica, em que a educação é a base de tudo. E é por isso que a percepção do homem sobre o mundo é indispensável para a organização do conhecimento.

A concepção de educação bancária está relacionada com a pedagogia tradicional, em que o professor é o detentor de conhecimentos e os alunos são os receptores. Segundo Freire (1987, p. 59), a educação bancária é caracterizada da seguinte maneira:

a) O educador é o que educa; os educandos, os que são educados;
b) O educador é o que sabe;os educandos, os que não sabem;
c) O educador é o que pensa; os educandos, os pensados;
d) O educador é o que diz a palavra; os educandos, os que a escutam docilmente.

Na concepção problematizadora e libertadora, concebe-se uma luta por libertação. O homem busca novas possibilidades de contribuir com a sociedade. Acredita-se que a educação de jovens e adultos também visa à libertação de uma sociedade mais justa e alfabetizada.

> O processo de libertação, nessa pedagogia, dá-se por meio da característica do EU, da vontade de escolher o caminho que se quer adotar para adquirir conhecimentos sem nenhuma referência às relações externas dos sujeitos. Com isso, o sujeito é livre de todas as determinações da realidade social [...] (PIMENTA, 2009 p. 72).

Nesse sentido, é por meio da educação de jovens e adultos que muitas pessoas têm a oportunidade de continuar os estudos, desenvolvendo capacidades, principalmente, de participar ativamente e de fazer escolhas. Pois com o ensino escolar, o sujeito participa de um meio onde os direitos e deveres do cidadão são assuntos de discussão. Podendo, assim, contribuir para uma sociedade mais democrática.

"A Pedagogia dialética, fundada no pensamento dialético, afronta decididamente a questão da formação do homem como uma tarefa social. Não centra 'no estudante' ou 'no professor' o ato pedagógico [...]." (GADOTTI, 2006, p.157)

Nesse sentido, essa concepção sugere uma formação do homem de acordo com sua realidade, e do seu próprio trabalho, isto é, o homem passa a ser consciente de suas próprias escolhas. Nessa perspectiva, a educação de jovens e adultos assemelha-se com a pedagogia dialética, pois ela busca a formação do homem no meio social, diferentemente da pedagogia tradicional, em que o aluno é o objeto do próprio professor. Mas, atualmente, ainda existem professores que utilizam metodologias e concepções da educação tradicional.

Freire (2003, p.19) faz reflexões sobre a educação de jovens e adultos, segundo ele: "Inicialmente me parece interessante reafirmar que sempre vir a alfabetização de adultos como um ato político e um ato de conhecimento, por isso mesmo, como um ato criador [..]". Nessa visão, a alfabetização mencionada por Freire, necessita do incentivo político, dos governantes, e não somente dos professores. Afinal, a qualidade da educação é uma responsabilidade de todos, e não apenas da escola, da família ou dos professores.

2.3 Contribuições de Paulo Freire na educação de jovens e adultos

Quando se fala em alfabetização na educação de jovens e adultos, é oportuno mencionar Paulo Freire, pois ele teve grande contribuição nesse processo, tornando-se alfabetizador. Foi a partir dos resultados obtidos com os métodos de

alfabetização que Freire foi convidado para participar do Programa Nacional de Alfabetização. O objetivo era alfabetizar cinco milhões de brasileiros em dois anos. Na verdade, os políticos queriam que esses jovens e adultos, pelo menos, aprendessem a votar. Freire se contrapôs nessa forma de ensino, pois ele não queria somente alfabetizá-los, mas também conscientizá-los.

Na década de 60, Paulo Freire propôs um método de alfabetização de adultos. Em vez de cartilhas com palavras soltas e fora do contexto, ele propunha um método que relacionasse as vivências dos alunos, a partir da realidade de cada um, como ele mesmo fora alfabetizado: [...] “Fui alfabetizado no chão do quintal de minha casa, à sombra das mangueiras, com palavras do meu mundo e não do mundo maior dos meus pais. O chão foi o meu quadro-negro; gravetos, o meu giz. (FREIRE, 2003, p.15).”

Nessa perspectiva, o alfabetizador não precisa de recursos de alta tecnologia para alfabetizar, pois ele pode utilizar os recursos metodológicos que tem ao seu redor, usar a imaginação, ser criativo para desenvolver atividades que façam referências da vida dos alunos. Foi com esta visão, que Paulo Freire criou o método de trabalhar a realidade do aluno, ele foi um grande exemplo de alfabetizador na educação, sendo que, até hoje, os métodos de Freire são utilizados por muitos professores. Em seu livro - Pedagogia do oprimido - ele faz abordagens sobre as opressões dos analfabetos no meio social, também se preocupa com a liberdade das pessoas que se sentem fragilizadas diante das que sabem. Atualmente, com a EJA, grande maioria dos jovens encontra-se nas escolas, muitos têm a oportunidade de dar continuidade aos estudos e prosseguir na busca pelo conhecimento.

Para tanto, as pessoas que estudam na educação de jovens e adultos também precisam de motivação para estudar, por isso elas precisam de um acompanhamento especial. O professor é um facilitar de conhecimentos, mas o desempenho dos alunos também depende da paciência, dedicação e interesse deles mesmos. Pois, o conhecimento é algo que se constrói, se discute, mas não se compra, e, sim, se adquire com o passar do tempo. “Se é praticando que se aprende a nadar, se é praticando que se aprende a trabalhar, é praticando também que se aprende a ler e escrever.” (FREIRE, 2003, p.47).

Nesse contexto, pode-se afirmar que é através das práticas educativas que se pode desenvolver habilidades e obter o conhecimento. Essas práticas são

necessárias também para a construção de uma sociedade mais justa, em que todos possam ter acesso à educação.

3 A FORMAÇÃO DO ALFABETIZADOR NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Entende-se que o alfabetizador da EJA tem um grande desafio durante a sua trajetória como educador, uma vez que ele tem um compromisso com a educação desses jovens. Em sala de aula, o professor depara-se com a realidade de vários alunos, por isso as metodologias deveriam ser bastante diversificadas. Nessa modalidade de ensino, o professor deveria fazer um acompanhamento diferenciado, mais flexível. Pois, na maioria das vezes, são alunos que passaram muito tempo sem ir à escola, muitos se sentem oprimidos e envergonhados. Às vezes, pensam que são incapazes de aprender, diante dessa situação, o professor necessita de uma formação adequada e saber agir de acordo com a necessidade do aluno.

Do ponto de vista de Brandão (2010, p. 141):

> Art. 62 - a formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade normal.
> §1º - A união, o Distrito Federal, os Estados e os Municípios, em regime de colaboração, deverão promover a formação inicial, a continuada e a capacitação dos profissionais de magistério.
> § 2º - A formação continuada e a capacitação dos profissionais de magistério poderão utilizar recursos tecnológicos de educação à distância.
> § 3º - A formação inicial de profissionais de magistério dará preferência ao ensino presencial, subsidiariamente fazendo uso de recursos e tecnologias de educação à distância.

Segundo o Art. 62, para a atuação do professor, nos últimos anos, é exigida a sua formação nos cursos de licenciaturas e a sua formação contínua. Dessa maneira, para que o professor alfabetizador da EJA possa se adaptar à sala de aula, a partir da convivência com os alunos e para que possa conhecer as necessidades e dificuldades deles, e, assim, rever e melhorar sua prática de acordo com realidade vivenciada.

Schawartz (2010, p. 84) faz alguns questionamentos sobre o ensino da EJA:

a) Os adultos aprendem a ler e a escrever como as crianças?
b) O modo de iniciar a aula precisa ser planejado detalhadamente?
c) O modo de organizar o espaço físico da sala de aula faz algum tipo de diferença?
d) O ensino da letra cursiva é obrigatória?
e) Iniciar as aulas escrevendo a data e o nome da escola no quadro de giz também?

Segundo Schwartz, os adultos não aprendem a ler e escrever como as crianças, por isso, o professor precisa adaptar as metodologias das crianças para os adultos. As crianças têm um olhar diferente dos adultos, por isso as aulas devem ser planejadas de acordo com a realidade dos alunos. Esses questionamentos fazem reflexões sobre os procedimentos educativos do alfabetizador. A partir deles, pode-se pensar numa metodologia que adapte os jovens e adultos em sala de aula, além disso, depende do olhar crítico e reflexivo do professor sobre suas práticas pedagógicas.

Segundo Ferreiro (2010, p.13 grifo do autor), “tradicionalmente, a alfabetização inicial é considerada em função da relação entre o método utilizado e o estado de ‘maturidade’ ou de ‘prontidão’ da criança [...]”. Desse modo, pode-se afirmar que a alfabetização é a base do ensino em todas as modalidades, pois é através dela que o aluno inicia o seu processo de decodificação de signos para a compreensão da realidade.

> O professor alfabetizador está muito só: em vez de ser considerado como o professor mais importante de toda a escola primária, é considerado como aquele que realiza o trabalho menos técnico e que qualquer outro poderia fazer (já que nas campanhas de alfabetização os jovens e adultos com qualquer grau de instrução pode funcionar como alfabetizadores) [...] (FERREIRO, 2010, p. 53).

Neste contexto, o professor não é considerado um profissional competente para atuar em todas as modalidades de ensino, mas é visto somente como instrutor. Em outras palavras, qualquer indivíduo que tivesse apenas alfabetização poderia ser um alfabetizador, principalmente, na educação de jovens e adultos, ou seja, não era exigida a formação do profissional docente.

O professor é um profissional de muita responsabilidade na sociedade. Mas grande maioria dos professores atua em sala de aula, muitas vezes, somente pela necessidade, e não pela vocação.

Schwartz (2010, p. 88) ressalta que o professor hoje é “o responsável pelo o ensino; é o que contribui para tornar os alunos usuários autônomos da escrita e da leitura”. Ou seja, o professor deve ter consciência de suas responsabilidades, além disso, é necessário lembrar que é ele que tem grande contribuição para o sucesso da aprendizagem desses alunos.

Entendido dessa maneira, o professor é considerado a base do processo de aprendizagem na educação de jovens e adultos, portanto, ele precisa valorizar a cultura do aluno e trabalhar de acordo com a contextualização do cotidiano da sociedade em que ele é inserido.

> O educador necessita compreender a natureza necessariamente culta do povo para sentir-se desejoso de unir-se às massas de seu país. Precisa compreender que o povo é a matriz de toda cultura, e que o saber, como conceito ou lei que reflete ou apreende um aspecto da realidade, não é em si mesmo cultura, senão que se torna tal quando representa um produto da consciência geral [...]. (PINTO, 2010, p. 116).

O alfabetizador precisa está apto a conhecer a cultura dos jovens e adultos, e, assim, o professor pode manter as raízes culturais de cada um, favorecendo a cultura de todos, além de torna-los conscientes de sua história.

Segundo Gadotti (2008), o professor tem um objetivo que é possibilitar um ensino de qualidade. Em verdade, almejar um ensino de qualidade é imprescindível para conquistar melhorias no ensino, mas não é o suficiente, é necessário também a formação contínua dos professores, que viabiliza mudanças nas práticas educativas, e, consequentemente, proporciona melhorias na qualidade de ensino.

3.1 O perfil do aluno da EJA

A educação de jovens e adultos dar-se por meio de um ensino em que há alunos com características e personalidades bastante diversificadas. Alguns são motivados e outros não. Percebe-se que a maioria desses alunos são oriundos de classe baixa, muitos deles almejam novos conhecimentos e melhores condições de vida.

> [...] Nesse sentido é que os sujeitos da educação de jovens e adultos se constroem, no querer e no desejo da conquista de novos conhecimentos, indo de encontro, muitas vezes, a uma sociedade que subtrai e exclui estes estudantes da oportunidade da vivência da estética, da igualdade e da liberdade que se traduz na perspectiva do mundo de trabalho, da vida social e da participação política. É com este intuito, que de uma forma ou de outra, os sujeitos jovens e adultos se aproximam da EJA em busca do seu direito fundamental, a escolarização. (FURINI, 2011, p.166).

Partindo dessa visão, os alunos da EJA buscam conhecimentos para se relacionar com outros sujeitos, eles buscam ter a consciência de seus direitos para participarem da sociedade, ter maior autonomia e prosseguirem nos estudos.

Segundo FURINI (2011), os alunos da EJA encontram dificuldades para se inserir no mercado profissional, pois não têm a mesma versatilidade que as outras pessoas de maior nível de escolarização. Em sala de aula, chegam cansados e desmotivados, e isso faz com que eles percam o gosto de estudar. Mas se o professor desenvolver metodologias diferenciadas, de acordo com a realidade dos alunos, o espaço de sala de aula ganha sentido e estimulação para a aprendizagem.

Muitos jovens e adultos se sentem privilegiados por serem alfabetizados, uma vez que estes têm maiores oportunidades para crescerem pessoalmente e profissionalmente. Muitas vezes, esses alunos têm condições de vida muito precárias, tanto financeiras quanto na saúde, sendo que esses são alguns dos fatores que dificultam o ensino e aprendizagem nessa modalidade de ensino.

> Quando as pessoas querem ou desejam alguma coisa, elas “movem céus e terras pra consegui-la”. A partir da consciência de que, no início de um curso, os sujeitos não estão motivados, nem pra ensinar, nem pra aprender, torna-se necessário desenvolver estratégias pra que isso aconteça. (SCHWARTZ, 2010, p.69 grifo do autor).

Desse modo, o aluno precisa de um objetivo ou uma meta a ser alcançada, para que ele possa construir o conhecimento e desenvolver suas potencialidades, ou seja, ele precisa de estímulos, tanto da família quanto do professor.

Muitos jovens e adultos têm receio por pensarem que são incapazes de aprender, e com isso se acomodam e não procuram superar o medo, gerando assim desmotivação para a aprendizagem. Mas, se o professor tem um diálogo aberto com seus alunos, ele pode permitir que a sala de aula se torne uma ambiente prazeroso e estimulante, em vez de um lugar hostil e cheio de limitações.

> Esses sujeitos chegam à sala de aula com uma representação social simbólica antiga e ultrapassada dos processos de ensino e de aprendizagem, esperando aulas com muita cópia, cadernos cheios, ditados, atividades sem sentido, e sem significado, cansativas. [...] (SCHWARTZ, 2010, p.77).

Às vezes, alguns alunos têm uma concepção de que o ensino ainda é tradicional, e que estão ali somente para serem alfabetizados, sem nenhuma perspectiva. Cabe ao professor utilizar metodologias diferenciadas para que possa surpreendê-los e mostrar meios para a superação das fragilidades, tornando a

escola um ambiente acolhedor, onde todos se sintam estimulados e a aprendizagem se torne, assim, significativa. “O contexto cultural do aluno trabalhador deve ser a ponte entre o seu saber e o que a escola pode proporcionar, evitando, assim, o desinteresse, os conflitos e a expectativa de fracasso que acabam proporcionando um alto índice de evasão.” (GADOTTI, 2008, p.121).

Enfim, a educação de jovens e adultos dá oportunidades para as pessoas prosseguirem nos estudos. Nesse sentido, a escola pode considerar as experiências e vivências dos alunos de acordo com o contexto da comunidade, para que possa favorecer uma aprendizagem significativa, e que os alunos desenvolvam as habilidades necessárias para a atuação social, moral e intelectual.

3.2 A influência da teoria e prática do professor na educação de jovens e adultos

A EJA possibilita aos jovens e adultos a continuação dos estudos, permite, dessa forma, o acesso ao meio social e econômico, torna o indivíduo cada vez mais consciente dos direitos e deveres ante da sociedade.

Sabe-se que o professor precisa conhecer os procedimentos didáticos adequados, além de dominar os conteúdos que são discutidos em sala de aula, para que dessa forma, possa se alfabetizar os alunos com qualidade. Portanto, o conteúdo que é trabalhado em sala de aula não deve estar distante da realidade dos alunos, pois o professor precisa conhecer a realidade e o contexto social. Para Schwartz (2010 p. 50) “e, por isso, o professor precisa refletir criticamente, a fim de ter clarezas sobre teorias, ele vai seguir para embasar sua prática [...]”.

> [...] O professor que desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, mas precisamente a sua sintaxe e a sua prosódia; o professor que ironiza o aluno, que o minimiza, que manda que “ele se ponha em seu lugar” ao mais tênue sinal de rebeldia legitima, tanto quanto o professor que se exime do cumprimento de seu dever de propor limites à liberdade do aluno, que se furta ao dever de ensinar, de estar respeitosamente presente à experiência formadora do educando, transgride os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência [...] (FREIRE, 2010, p.59 grifo do autor).

Nota-se que quando se fala em teoria e prática, muitos professores não sabem diferenciar essas duas concepções, eles têm dificuldades em pôr em prática o que aprendeu na teoria, e, assim, utilizam metodologias que não correspondem com as necessidades dos educandos.

Segundo Gadotti (2008 p. 79): “A reflexão continuada sobre esta nossa prática de formação, como não poderia deixar de ser, foi possibilitando o desenvolvimento de uma série de conclusões sobre o melhor caminho a seguir na formação de educadores [...].”

O alfabetizador que trabalha na modalidade de ensino EJA, também precisa relacionar a teoria com a prática. Deve também, ter atenção rigorosa diante as dificuldades que os alunos apresentam quando chegam à sala de aula, muitas vezes, já cansados.

Zabala (1998) ressalta que assim como as outras profissões, o professor também tem que trabalhar com amor e vocação, porque, assim, o trabalho é desenvolvido com qualidade e segurança. Portanto, destaca-se a reflexão sobre as práticas pedagógicas do professor, principalmente, na educação de jovens e adultos.

> Sem dúvida, é difícil conhecer os diferentes graus de conhecimento de cada menino ou menina, identificar o desafio de que necessitam, saber que ajuda requerem, e estabelecer a avaliação apropriada para cada um deles, a fim de que se sintam estimulados a se esforçar em seu trabalho. (ZABALA, 1998 p. 36).

A partir dessa avaliação, espera-se que o professor possa ter competência em compartilhar as vivências dos alunos, em facilitar o aprendizado em função da preparação deles para os desafios do mercado profissional. Pimenta (2009 p. 40) afirma que o trabalho docente constrói-se e transforma-se no cotidiano da vida social; como prática, visa à transformação de uma realidade, a partir das necessidades práticas do homem social.

Ferreiro (2010, p.48) afirma que: “A alfabetização passa a ser uma tarefa interessante, que dá lugar a muitas reflexões e a muita discussão em grupo [...].” Partindo dessa afirmação, observa-se que a forma de ser trabalhada em sala de aula deve ser de acordo com os alunos. Os professores podem permitir que os alunos deem suas ideias, que eles compartilhem suas opiniões.

Freire (2003 p. 35, grifo do autor) fala que “o Brasil foi ‘inventado’ de cima para baixo, autoritariamente. Precisamos reinventá-lo em outros termos”. Do mesmo modo, são os professores que precisam se adaptar às tecnologias, fazendo com que desperte a participação dos alunos no âmbito escolar. Sendo assim, o professor precisa ter uma prática coerente para auxiliar no processo de ensino e aprendizagem.

Portanto, é de fundamental importância que o professor busque novos métodos e estratégias para que possa favorecer um ensino de qualidade. Sabe-se que os alunos precisam desenvolver suas potencialidades e se prepararem para novos desafios.

4. AS DIFICULDADES NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DA EJA

Muitos jovens e adultos não conseguem prosseguir nos estudos, pois pensam que não têm a capacidade de aprender a ler e escrever. Ressalta-se, porém, que todo indivíduo tem um potencial, e para que seja desenvolvido depende de um conjunto de fatores envolvidos nesse processo, ou seja, não depende apenas do professor, mas também do apoio da família, dos amigos, da sociedade e da dedicação do aluno.

No entanto, a maioria das pessoas tem dificuldades de frequentar a escola, por causa da idade e o cansaço do dia-a-dia. Essas circunstâncias deixam os alunos da EJA desestimulados e não conseguem concretizar sua alfabetização que, de fato, é muito desejada.

Em muitos casos, os alunos da EJA se sentem inseguros em relação aos métodos desenvolvidos em sala de aula, todavia, o professor alfabetizador deveria observar a realidade desses alunos e utilizar meios que eles possam perceber a importância da educação, além de mostrá-los possibilidades de ultrapassar barreiras, pois muitos se sentem frustrados por algumas situações vividas durante o processo de aprendizagem. Nesses casos, o professor pode trabalhar a individualidade entre os jovens e os adultos.

Otero (ET AL 1991, p.202) enfatiza que:

> O medo de errar parece muitas vezes impedir o adulto de escrever de forma mais espontânea e de se expor a situações de aprendizagem menos estruturadas; ele exige de si mesmo a correspondência de um determinado padrão social de infalibilidade, faz uma representação de escola como um lugar onde o erro não é permitido porque o erro faz parte do processo de aprender.

Nesse sentido, uma das grandes fragilidades dos alunos da EJA é a interação em sala de aula, pois muitos pensam que o erro não é permitido no ensino. E o professor pode contribuir, demonstrando que é por meio de tentativas que a pessoa consegue tirar conclusões sobre determinados assuntos.

A alfabetização na educação de jovens e adultos não é menos complexa que as outras modalidades. Mas será que os professores estão preparados para atuar nessa área? Será que a formação desses professores atende às expectativas dos educandos? Há compromisso dos docentes com a educação desses alunos? Pois um alfabetizador precisa de formação adequada, de compromisso com seus alunos, pois ele presencia diversas situações que são apresentadas em sala de

aula. Na sua prática docente é necessário que ele diversifique suas aulas a cada dia, para que os alunos se sintam motivados e retornem às aulas com disposição e vontade de aprender.

Outro fator que precisa de atenção na alfabetização da EJA é a relação professor-aluno. O professor precisa estar sempre atento ao comportamento dos alunos, ser flexível para conviver e respeitar as diferenças de cada um, possibilitando, assim, uma aproximação dos sujeitos envolvidos nesse processo de aprendizagem. Referente a esse ponto de vista, Schwartz (2010, p.92) afirma que “o olhar do professor é poderoso. Se nele não houver crença/convicção na possibilidade de aprendizagem, o aluno percebe, sente essa ausência e, geralmente, age de acordo com essas expectativas.”

Dessa maneira, o aluno entende quando o professor está preparado para ensinar, ou se as metodologias utilizadas correspondem às suas expectativas. Além disso, a atitude do professor, o modo de falar, de se expressar, agir, enfim, tudo influencia no processo de ensino e aprendizagem.

Pode-se afirmar que um dos fatores que contribuem para o fracasso escolar é a falta de acompanhamento dos pais na educação infantil. E na educação de jovens e adultos, muitos deixam de frequentar a escola pela ausência de incentivo e apoio da família ao longo do processo de aprendizagem, portanto, a família também é fator necessário na educação desses jovens. Abdalla (2004) contextualiza que a família e a escola devem trabalhar numa mesma perspectiva, para a formação do sujeito. Dessa forma, os jovens e adultos precisam acreditar no apoio da família e perceber a escola como um ambiente de transformação do indivíduo.

Para Abdalla (2004, p. 34), “A maior de todas essas razões parece ser o fato de que pai e mãe são trabalhadores, assim como seus filhos, e lutam com o problema da falta de tempo para irem à escola”. Nesse momento, os pais atribuem a responsabilidade para a escola, sendo que eles também são responsáveis pelo aprendizado dos seus filhos. Muitos pais pensam que somente a escola pode garantir um futuro melhor, no entanto, tem que haver uma parceria da família e escola, pois ambos são responsáveis pela formação dos educandos.

Segundo Pinto (2010, p. 86):

> O educando adulto é antes de tudo um membro atuante da sociedade. Não apenas por ser um trabalhador, e sim pelo conjunto de ações que exerce sobre um círculo de existência. O adulto analfabeto é um elemento frequentemente de alta influência na comunidade. Por isso é que se faz tão imperioso e lucrativo instruí-lo.

Diante desse contexto, o professor tem que levar em consideração o conhecimento dos alunos, pois antes de irem à escola, eles têm o conhecimento prévio adquiridos na convivência e experiências do cotidiano. Mas para que isso ocorra, o professor precisa saber das suas limitações e os anseios dos alunos. Enfim, o professor alfabetizador precisa se relacionar diretamente com os alunos e a comunidade escolar. Para que os jovens e adultos se tornem sujeitos pensantes, críticos e participativos, eles precisam de acompanhamento para melhores perspectivas na educação.

O ambiente escolar é um fator preponderante para o sucesso escolar. Pois é necessário que seja um ambiente prazeroso, onde os alunos se sintam à vontade, privilegiados em estar na sala de aula. Em suma, o ambiente favorece significativamente na aprendizagem, precisa ser adequado a cada faixa etária, principalmente, na educação de jovens e adultos, em que o objetivo é motivá-los para a continuação e progresso nos estudos.

4.1 A conscientização na educação de jovens e adultos

De acordo com Freire (2010), a educação precisa partir de uma reflexão do sujeito sobre a educação, como algo inerente à sociedade, que sem ela as pessoas vivem por pressão e aprisionados no mundo, sem saber refletir sobre o espaço que ocupa e a sua função no meio em que se encontra inserido.

Os seres humanos precisam, antes de tudo, saber se relacionar com os outros, para que haja uma socialização das experiências de cada um. Nesse sentido, é nas relações com os outros que as pessoas convivem com pessoas de opiniões diferentes, aprendem a ouvir e respeitar, a pensar e a criticar. Em outras palavras, o sujeito vivencia experiências diferentes e amplia sua visão de mundo sobre os fatos da sociedade.

Atualmente, a sociedade passa por grandes transformações, o que antes era tabu, hoje é tema de discussão em vários âmbitos da sociedade, principalmente,

na escola. Além disso, antes as pessoas tinham menos autonomia nos pensamentos, viviam mais alienados. Pois as pessoas que compunham a sociedade dominante sempre se mostraram superiores, por ter mais conhecimento ou por pensar que eram donos da verdade. O indivíduo precisa atuar na sociedade contemporânea lutando por dias melhores, pois é a partir da consciência, da autonomia do pensamento humano é que se faz uma sociedade mais igualitária.

"Na medida em que o homem cria, recria e decide, vão se formando as épocas históricas. E é também criando, recriando e decidindo como deve participar nessas épocas." [...] (FREIRE, 2010, p. 64). Ou seja, é a partir do momento em que o homem se ver como um ser atuante na sociedade que ele começa a recriar, a sua participação contribui para as mudanças e avanços que o mundo precisa.

"Por isso, esta educação ao significar um esforço para chegar ao homem-sujeito enfrentava, como ameaça, os setores privilegiados. Para o irracionalismo sectário, a humanização representava um perigo." (FREIRE, 2010, p.67).

Nesse sentido, a educação para aqueles que oprimiam o povo, passa a ser uma ameaça, pois, é nesse momento que o povo deixa de ser oprimido e passa a ser homens e mulheres participativos, pois desejam uma vida digna com seu direito de ir e vir, não sendo subordinados a fazer aquilo que os outros querem, e, sim, ter o direito de fazer suas próprias escolhas, ou seja, o homem passa a ter emancipação do pensamento. Muitos não permitiam que a educação fosse oferecida aos trabalhadores, pois por meio dela os setores perderiam produtividade, em que muitos deixariam de trabalhar para ir à escola.

A educação de jovens e adultos possibilita às pessoas a conscientização de melhores condições de vida. Contudo, eles precisam estar conscientes de alguns empecilhos que podem surgir nessa modalidade de ensino, pois durante as aulas poderão se deparar com alguns obstáculos, sendo assim, eles precisam de apoio familiar, além de que o professor pode manter uma relação de confiança, com diálogos sobre o crescimento pessoal e individual, em que é possível perceber-se a construção gradativa de conhecimentos.

> Esta é a razão porque não é possível o diálogo entre os que querem a pronúncia do mundo e os que não a querem; entre os que negam aos demais o direito de dizer a palavra e os que se acham negados deste direito. É preciso primeiro que, os que assim se encontram negados no direito primordial de dizer a palavra, reconquistem esse direito, proibindo que este assalto desumanizante continue. (FREIRE, 1987, p. 79).

Desse modo, é discutível que os alunos precisam conquistar sua autonomia para poder dialogar a respeito do mundo em que vivem. Sabe-se que a educação é um direito de todos, mas eles precisam querer e se inquietar diante dos problemas que surgem na sociedade, pois a educação disponibiliza essa ferramenta, que é o poder de falar, de reivindicar seus direitos, e tudo o que fora mencionado é de fundamental importância para construção da cidadania.

Sabe-se que a educação faz homens e mulheres se tornarem sujeitos capazes de mudar sua realidade, por isso, a escola precisa possibilitar que os alunos tenham perspectivas de melhores condições de ensino, para que tenham também expectativas de sucesso escolar.

> [...] O método de conscientização de Paulo Freire refaz criticamente esse processo dialético de historicização. Como todo bom método pedagógico, não pretende ser método de ensino, mas sim de aprendizagem; com ele, o homem não cria sua possibilidade de ser livre, mas aprende a efetivá-la e a exercê-la. A pedagogia aceita a sugestão da antropologia: impõe-se a pensar e viver “a educação como prática da liberdade.” (FREIRE, 1987, p. 18).

Na visão de Paulo Freire, o método de conscientização não dá possibilidades, apenas, para um ensino de qualidade, mas para a aprendizagem e a sua efetivação. Com o método de Paulo Freire, citado anteriormente, ele ajudou seu povo a construir uma sociedade mais justa, onde os mesmos pudessem participar ativamente e não sendo mais excluídos e oprimidos da sociedade.

> [...] Educação que tratasse de ajudar o homem brasileiro em sua emersão e o inserisse criticamente no seu processo histórico. Educação que por isso mesmo libertasse pela conscientização. Não aquela educação que domestica e acomoda. Educação, afinal, que promove a “ingenuidade”, característica da emersão, em criticidade, com a qual o homem opta e decide. (FREIRE, 2010, p.66 grifo do autor).

Diante disso, a educação de jovens e adultos precisa promover essa criticidade, já que é função da escola a formação de cidadãos críticos e reflexivos. Somente com a educação é que se pode desenvolver capacidades e habilidades necessárias para a sua inserção na sociedade. Com a educação, os sujeitos têm oportunidades de conquistas na sociedade e no mundo profissional.

“A consciência se reflete e vai para o mundo que conhece: é o processo de adaptação. A consciência é temporalizada. O homem é consciente e, na medida em que conhece, tende a se comprometer com a própria realidade. (FREIRE, 2010, p.39).”

A partir do momento em que os sujeitos conhecem os seus direitos e começam a cobrá-los, eles são conscientizados das suas funções e, consequentemente, passam a participar do mundo contemporâneo. Não obstante, algumas vezes, eles conhecem seus direitos e deveres, mas temem as indagações da sociedade, pois são desprovidos de argumentos que afirmem e confirmem suas ideias, sua posição crítica perante o assunto em questão, sendo esse, também, um dos motivos para ficarem omissos ao seu próprio direito. Confirma-se, dessa maneira, o método de conscientização de Paulo Freire, em que não é suficiente tornar-se consciente, é necessário, também, saber atuar, defender o seu ponto de vista.

Enfim, quando se trata de conscientização de jovens e adultos, vale ressaltar a importância que Paulo Freire deu ao ensino e aprendizagem, pela luta incessante de igualdade, não apenas de direito, mas de atuação, em que esses jovens tivessem o conhecimento dos seus direitos e soubessem lutar por eles de forma precisa. Freire, em seus livros, sempre mencionou e questionou a alfabetização, ele tinha o sonho de transformar a sociedade em igualitária e democrática.

4.2 Estratégias de aprendizagem no Ensino da EJA

Há muito tempo o ensino da EJA se tornou um processo de socialização do conhecimento. E é por meio de estratégias metodológicas, com respeito e valorização da cultura dos alunos, que a educação de jovens e adultos pode se tornar um processo de democratização do ensino.

Atualmente, os jovens e adultos procuram se alfabetizar para que possam ter melhores perspectivas de vida. Diante da realidade do ensino desses alunos é importante que o professor, em sala de aula, utilize estratégias para estimulá-los a desenvolver habilidades, visando à ampliação de conhecimentos. É importante que o educador facilite a aprendizagem com práticas educativas que estejam em consonância com a realidade dos alunos.

Ou seja, o professor da educação de jovens e adultos precisa viabilizar, criar meios para aumentar a autoestima dos alunos, pois, às vezes, muitos se julgam incapazes de concluir os estudos, e até mesmo de se tornarem alfabetizados. Quando o professor age, em sala de aula, com força de vontade, demonstrando credibilidade em seus alunos, eles se sentem mais confiantes, e, assim, otimistas para conquistar os objetivos na escola.

Pode-se constatar que quando um professor conhece seus alunos, ele é conhecedor, também, dos procedimentos de ensino mais adequados para essa realidade. Assim, ele pode ser flexível, promovendo um ensino que valorize as individualidades, desenvolvendo competências par contribuir no sucesso da aprendizagem.

> Entre os recursos, estão não somente os livros, artigos, espaço para trabalhar, laboratórios e equipamentos, ferramentas, mapas, filmes, gravações, etc., mas também recursos humanos de fora ou de dentro da instituição educacional, incluindo, naturalmente, o professor (DIAZ, 2010, p.48).

Desse modo, o professor pode trabalhar as disciplinas específicas de forma que seus alunos se sintam estimulados, que eles tenham vontade de participar das aulas. Enfim, que queiram ir para a sala de aula, não apenas em busca de uma formação, mas também de conhecimentos. O professor pode utilizar metodologias de ensino de forma contextualizada e interdisciplinar, demonstrando as práticas sociais presentes na vida deles e instigando a participação de cada um, respeitando as individualidades.

Desenvolver trabalhos criativos, como a construção de materiais recicláveis, em sala de aula, contribui bastante para o ensino e aprendizagem. A partir dessa estratégia, o professor compartilha ideias com seus alunos, ou seja, professor e aluno se tornam participantes, ambos são construtores do conhecimento. Dessa forma, o aluno passa a confiar mais no professor e, além disso, passam a ter uma relação amigável e de confiança.

> É preciso insistir: este saber necessário ao professor— que ensinar não é transferir conhecimentos— não apenas precisa de ser apreendido por ele e pelos educandos nas suas razões de ser – ontológica, política, ética, epistemológica, pedagógica, mas também precisa de ser constantemente testemunhado, vivido (FREIRE, 2010, p. 47).

Na sociedade contemporânea, há muitas exigências sobre os meios de telecomunicações. Nessa perspectiva, o professor pode aderir e usar esses meios como metodologias de ensino, como uma forma de vivenciar em sala de aula os

mecanismos que os jovens e adultos usufruem no dia-a-dia, assim também irá despertar o interesse dos alunos.

> No sentido filosófico, princípio é o que contém ou que faz compreender as propriedades essenciais de uma coisa. O princípio de um hospital é atender os doentes para que fiquem saudáveis. Já o princípio de uma aula é construir aprendizagens. É avançar o nível de conhecimento sobre um objeto (SCHWARTZ, 2010, p.174).

Sendo assim, tanto o professor quanto os alunos têm muitas finalidades, e a ampliação de possibilidades para o aprendizado deve ser uma das principais finalidades do professor. Para que os alunos obtenham êxito na escola, os princípios de inovações devem acompanhar a finalidade do aprendizado. Enfim, todos têm finalidades, mas para que possam concretizá-las, precisa-se de oportunidades. Em verdade, o professor da educação de jovens e adultos deveria ter um perfil de encorajador, de amigo, com objetivos de facilitar o aprendizado de alunos que não tiveram os estudos concluídos no período regular.

> O objetivo é construir um ambiente de trabalho descontraído, capaz de envolver todos, fazendo-os participar ativamente, expondo suas ideias, buscando soluções, colocando-as em práticas para testar se são adequadas, um ambiente propício à produção de pensamentos, à interação, à participação e ao envolvimento [...]. (SCHWARTZ, 2010, p.179).

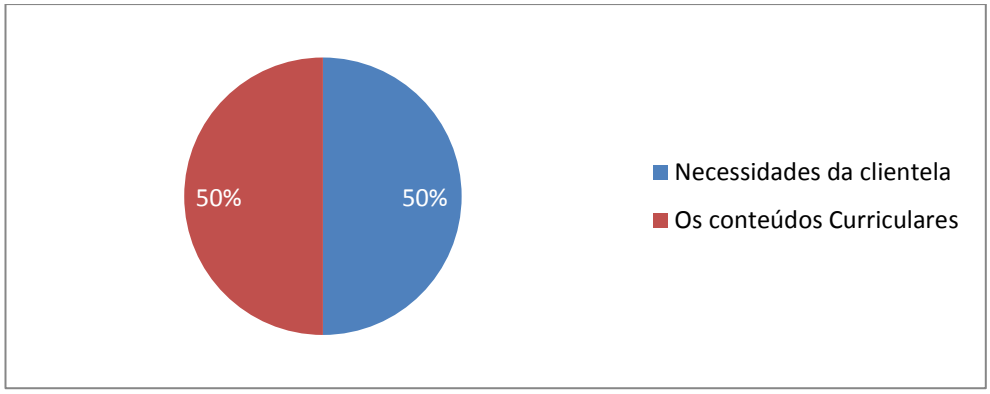
Em suma, para que o ambiente escolar seja favorável à participação de todos, é indispensável que o professor seja crítico com relação às suas práticas pedagógicas, que seja observador, flexível. Pois, um ambiente agradável contribui para um diálogo e participação dos alunos, permitindo, assim, a construção coletiva do conhecimento.

5 ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA

A pesquisa analisa os mecanismos que contribuem para a alfabetização de jovens e adultos na Unidade Integrada Vivendo e Aprendendo. Que tem como objetivo compreender como as práticas do professor influenciam no processo de alfabetização da educação de jovens e adultos.

Para análise dos dados, usou-se questionários fechados e abertos, em que foram entrevistados 02 (dois) professores, 10 (dez) alunos e a gestora. No total, foram 07 questões para os professores, 06 (seis) para os alunos e 05 (cinco) para a gestora. A partir dos questionários, também obteve-se os depoimentos dos sujeitos envolvidos na pesquisa.

Gráfico 01 - Questões para 02 (dois) professores: O que você leva em consideração no processo ensino-aprendizagem?

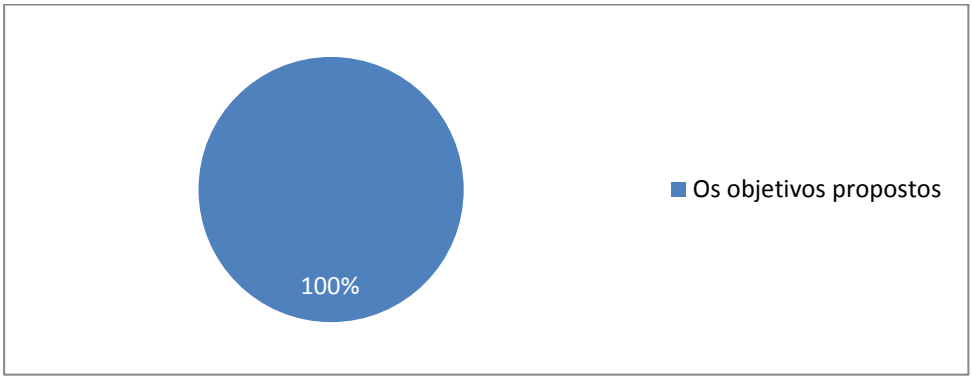


Diante desse questionamento, percebeu-se que o professor A afirma que a necessidade maior é o da clientela, e o professor B, que são os conteúdos curriculares. Mas, percebeu-se que ambos têm dificuldades em conciliar estes dois aspectos em sua prática, por isso, é necessário que eles reflitam sobre suas práticas docentes, diante das necessidades dos alunos.

Desse modo, (Gadotti, 2008, p.120) ressalta que:

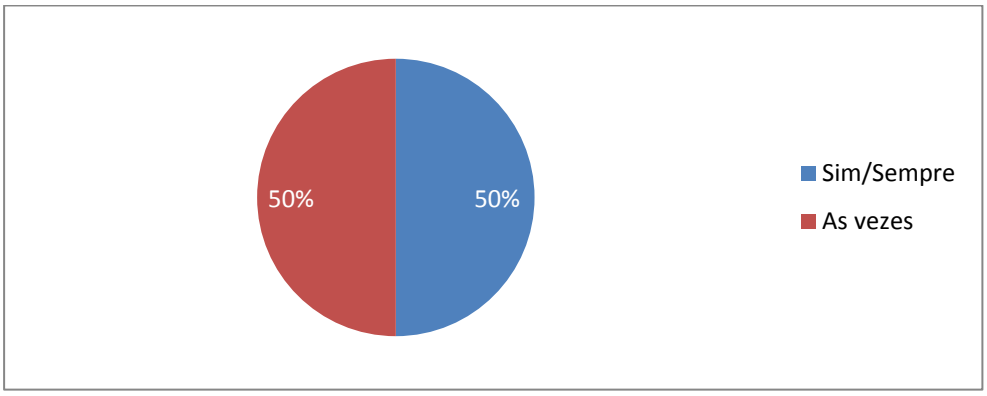
> Deve-se levar em conta a diversidade destes grupos sociais: perfil sócio-econômico, étnico, de gênero, de localização espacial e de participação sócio-econômica. Sendo assim, requer pluralismo, tolerância e solidariedade na sua promoção, na oportunidade de espaços e na alocação de recursos.

Gráfico 2 - Questões para os professores: No plano de aula você leva em consideração?



Quando nos referimos ao plano de aula, os professores A e B não tiveram uma resposta diferente. Ambos revelaram que levam em conta os objetivos propostos. No entanto, o que podemos dizer é que eles não estão colocando em prática os seus objetivos propostos. LUCK (2009, p.135) propõe que o "objetivo é descrição clara e precisa do que se pretende alcançar ao final de uma determinada ação [...]."

Gráfico 03 - Questões para os professores: Na sua vivência, em sala de aula, você reflete sobre quem está ensinando ou por que planejei a aula de tal forma?



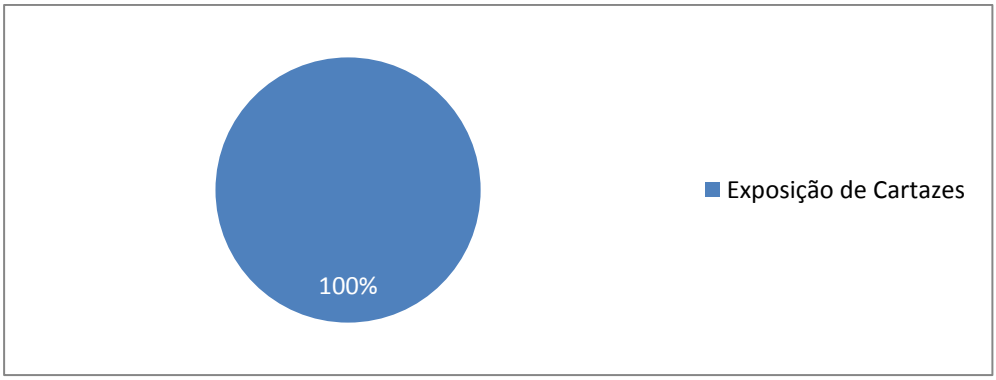
No que se refere ao planejamento, o professor A afirmou que sempre planeja as suas aulas, mas o professor B, somente às vezes. Mas, o que se observou foi que mesmo havendo planejamento, eles não o fazem de acordo com a realidade dos alunos.

Nesse caso, a escola deve fazer um planejamento participativo, em que possam perceber as várias formas de adaptação de metodologias.

Sobre isso, Dalmás (2009, p.27) considera que:

> É considerado ideal o planejamento que envolve as pessoas como sujeitos a partir de sua elaboração, e com presença constante na execução e avaliação, não apenas como indivíduos, mas sujeitos de um processo que os envolve como grupo,visando o desenvolvimento individual e comunitário.

Gráfico 04 - Questões para os professores: Na alfabetização, quais os recursos utilizados em sala de aula?



Quando nos referimos aos recursos utilizados em sala de aula, o professor A e B afirmaram que utilizam a mesma metodologia, que é a exposição de cartazes. O que foi observado é que os professores não trabalham com a utilização de recursos como TV, cartazes, jogos, que contribuem para a aprendizagem dos alunos.

Com base na análise, o último aspecto a ser mencionado pelos professores é que a escola não oferece recursos para se trabalhar em sala de aula, sendo que eles alegaram que a falta desses recursos metodológicos são responsabilidades do governo, pois não disponibilizam e nem dão importância para a entrega desses materiais. Sendo que, os professores precisam quebrar esse tabu, e não medir esforços para trabalhar com a construção de materiais para proporcionar o estímulo em sala de aula.

> [...] O mobiliário e o material didático devem ser adequados e suficientes para assegurar aos alunos, aos serviços administrativos e pedagógicos e aos professores todas as condições para desenvolvimento do trabalho e garantir qualidade do ensino. (LIBÂNEO, 2008, p. 208)

Questão 05 – Questões para os professores: Os conteúdos estão de acordo com a realidade dos alunos?

Quanto aos conteúdos, se estão de acordo com a realidade dos alunos, os professores A e B responderam que sim, que estão de acordo com a realidade dos alunos. Mas, o que foi observado, em sala de aula, é que os professores estão distante do contexto dos alunos. Na verdade, eles utilizaram apenas o livro didático. Destaca-se que o professor deveria reconstruir seu planejamento e desenvolver ao longo de suas aulas, atividades com conteúdos significativos para os estudantes.

> Sabe-se que os conteúdos só adquiriram significado se, vinculado à realidade existencial dos alunos, está voltado para a resolução dos problemas colocados pela prática social, fornecendo instrumentais teórico-práticos que neguem dialeticamente essa mesma prática social [...] (MARTINS, 2006, p.83).

Questão 05 - Na sua concepção, o que precisa para melhorar a educação de jovens e adultos?

Deparando-se com a concepção de que é preciso melhorar a educação de jovens e adultos, os professores A e B afirmaram que a falta de motivação dos alunos ainda é um grande desafio a ser superado. Sendo que essa desmotivação dos alunos é resultado da falta de coerência na didática do professor, em que não trabalham a concepção do aluno, tão pouco utilizam metodologias que despertem o interesse, permitindo, assim, a desmotivação dos alunos, e, consequentemente, a pouca frequência, contribuindo para o aumento dos índices de evasão escolar.

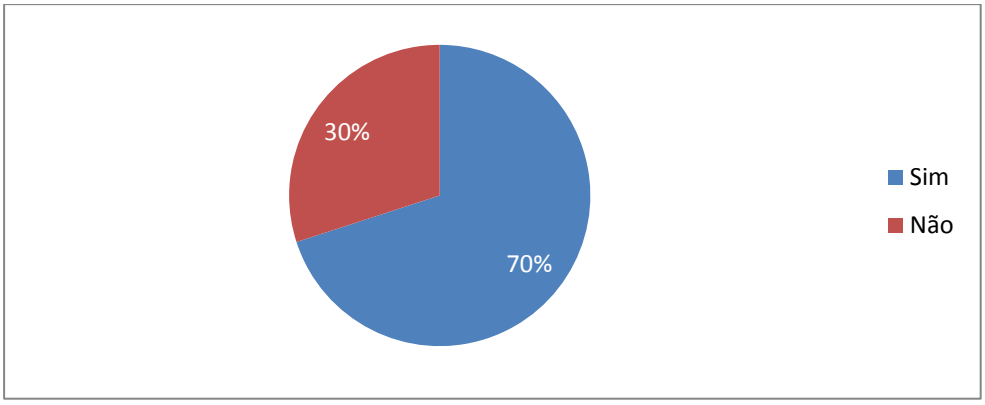
> Desse modo, as situações de fracasso escolar produzem estigmas que afetam profundamente a identidade e a autoimagem do sujeito, deixando marcas indeléveis em seu psiquismo. A atuação do professor de EJA é determinante para evitar situações de novo fracasso escolar. [...] (ALVARES, 2010, p. 86).

Questão 06 - Quais as dificuldades encontradas nas práticas docentes em sala de aula?

Ao mencionar sobre as dificuldades encontradas nas práticas pedagógicas em sala de aula, os professores A e B apresentaram a diferença de idade entre os alunos como fator principal. O que se pode perceber é que esses professores não estão preparados para trabalhar com essa clientela, pois nessa modalidade de ensino sempre haverá discrepâncias de idades entre os alunos que estudam na EJA.

> [...] segundo definição desses autores, dificuldades de aprendizagem implicaria em qualquer dificuldade observável vivenciada pelo aluno para acompanhar o ritmo de aprendizagem de seus colegas da mesma idade, independentemente do fator determinante de defasagem [...] (BURUCHOVITCH, 2010, p. 40).

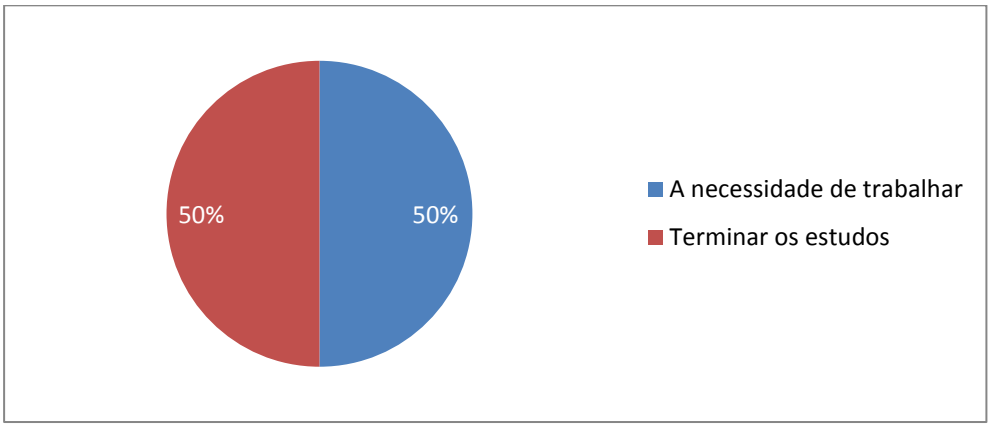
Gráfico 05 - Questões para os alunos: Seu professor utiliza metodologia adequada em sala de aula?



Dos 10 (dez) alunos entrevistados, 70% afirmaram que os professores utilizam metodologias adequadas em sala de aula. E 30% afirmaram que não. Observa-se que há uma controvérsia entre professores e alunos quando se trata em metodologia de ensino. Contudo, o que foi percebido é que não há uma aula diferenciada no espaço da sala de aula. Assim, o professor deve refletir em conjunto com os seus alunos, dando-lhes a oportunidade de avaliar o seu desempenho na sala de aula.

> Assim, para que a aula expositiva preencha os requisitos de uma boa exposição didática, recomenda-se que o professor prepare a aula com antecedência, considerando as características dos alunos e adaptando-a ao seu grau de desenvolvimento (sua faixa etária, os conhecimentos que já possuem sobre o conteúdo estudado, seus interesses e motivações). [...] (HAIDT,1995,p.155).

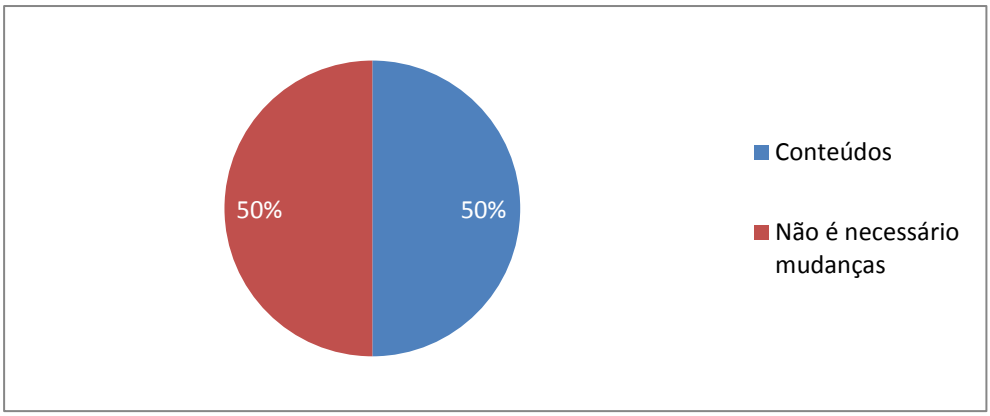
Gráfico 06 - Questões para os alunos: O que levou você a estudar na EJA?



50% alunos afirmaram que o motivo de voltar à estudar foi a necessidade de emprego. Os outros 50% afirmaram que o motivo maior foi porque gostariam de terminar os estudos. Percebe-se que mesmo havendo alguns alunos que atribuem ao estudo à necessidade de se inserir no mercado de trabalho, ainda há aqueles que sentem vontade de terminar os estudos.

"Os jovens e adultos trabalhadores lutam para superar suas condições precárias de vida (moradia, saúde, alimentação, transporte, emprego etc.) que estão na raiz do problema do analfabetismo [...]" (GADOTTI, 2008, p.31).

Gráfico 07 – Questões para os alunos: Em sua opinião, o que é necessário mudar na EJA?



Sobre as mudanças na educação de jovens e adultos, 50% dos alunos afirmaram não haver necessidades de mudanças na EJA. E 50% afirmaram que é

necessário mudar os conteúdos. Mas, sabe-se que esta modalidade de ensino precisa de muitos reparos, é perceptível que há a necessidade de mudanças, principalmente, no que se refere à concepção de ensino e aprendizagem dos professores. Sobre isso, Freire (2010, p. 49) ressalta que "O trabalhador social, como homem, tem que fazer sua opção. Ou adere à mudança que ocorre no sentido da verdadeira humanização do homem, de seu ser mais, ou fica a favor da permanência."

Ao indagar os alunos se os professores utilizam outros meios além dos livros didáticos, dos 10 (dez) alunos entrevistos 07 (sete) responderam que o professor utiliza outros materiais didáticos além do livro, por exemplo, revistas e aparelhos de áudio. Os outros 03 (três) alunos responderam que não, a professora não utiliza outros recursos metodológicos. Foi percebido, em sala de aula, que a professora utiliza sim outros recursos, no entanto, é preciso que haja outras novas maneiras de veicular as informações, para que, de fato, os alunos possam se tornar alfabetizados.

> O professor não exerce plenamente o seu direito de escolha do livro a ser adotado nas suas aulas, por que além de lhe faltar formação adequada, ele é influenciado pela propaganda das editoras, que lhe oferecem como cortesia, o livro do professor, o seu companheiro de todos os momentos de preparação e ministração de correção de exercícios, cujas respostas estão ali, prontinhas, longe do alcance dos seus alunos. (SILVA, 2000, p.40).

Quando os alunos foram questionados se o professor está preparado para atuar em sala de aula, todos os 10 (dez) alunos entrevistados afirmaram que os professores são profissionais competentes. Mas, o que foi observado, nas respostas dos alunos, é que as respostas não correspondem com a atuação do professor A. Pois eles não utilizam metodologias de forma adequada, tão pouco utilizam a autonomia em sala de aula, permitindo a acomodação dos alunos, sem obter progresso na aprendizagem.

"[...] A formação de professores é estratégica para a qualidade de educação escolar. Acredita-se que o professor 'bem formado' seria suficiente para a melhoria da qualidade da escola e da educação." (CAMPOS, 2009, p. 68, grifo do autor).

Os alunos foram questionados se o professor trabalha de acordo com a realidade do seu cotidiano. Todos os alunos entrevistados afirmaram a existência de metodologias adequadas em sala de aula. Diante das observações feitas, pode-se afirmar que o professor A não utiliza essas metodologias contextualizadas, nem

mesmo envolve os alunos nas atividades propostas. É importante ressaltar que “O conhecimento da realidade do aluno é essencial para subsidiar o progresso de planejamento numa perspectiva dialética [...].” (VASCONCELLOS, 2000, p. 107).

E quando foi questionado à gestora se a escola oferece formação continuada na área da educação de jovens e adultos, ela afirmou que sim, pois, segundo ela, é de grande importância, principalmente, para essa modalidade de ensino, para que os professores possam se sentir mais preparados para atuar em sala de aula. Diante do que foi visto, os professores não demonstraram interesse para ampliar seus conhecimentos mediante ao processo de ensino em sala de aula.

> O professor, ao assumir o seu novo espaço de formar, de ensinar, está sujeito a um processo de formação de sua própria profissionalidade. Sua formação é contínua porque a vida é contínua. As trocas constantes de significados é que constituem a linha de continuidade de formação. (MOURA, 2003 p.137).

No que tange à capacitação dos professores e gestor como finalidade a educação de jovens e adultos, a maioria dos professores afirmaram que trabalham na área há bastante tempo e que, segundo eles, são capacitados para alfabetizar esses alunos. Mas, é importante destacar que quando se fala em capacitação, não se refere somente à experiência de sala de aula, nem o tempo em que o professor está atuando em sala de aula. Na verdade, faz-se referências às metodologias de ensino, se os alunos estão, de fato, sendo alfabetizados. Nesse aspecto, Gadotti (2008, p. 32) confirma que “Os programas de Educação de Jovens e Adultos estarão a meio caminho do fracasso se não levarem em conta essas premissas, sobretudo, a formação do educador.”

Ao questionar à gestora se a escola oferece materiais didáticos para os professores trabalharem nessa modalidade de ensino – EJA - ela mencionou a existência desses materiais e que, segundo ela, o ministério da educação oferece o livro didático para essa modalidade de ensino, o que facilita o processo de ensino e aprendizagem. Diante da justificativa da gestora, o que pode ser observado é que a ela não está preocupada na agregação de conteúdos com professores e alunos, e sim, em facilitar o ensino. Ressalta-se, ainda, que o professor não deve somente se prender ao livro didático, mas utilizar diversos tipos de materiais para a coordenação de conhecimento.

> Em face das deficiências do LD, cabe ao professor que acredita na sua capacidade de utilizar outros recursos didáticos sugerir aos seus alunos as atividades que os levem a desenvolver as suas próprias capacidades cognoscitivas, para poderem assimilar o conhecimento sistematizado e para poderem lidar criticamente com os conteúdos. (SILVA, 2000, p. 42).

Para destacar os motivos que contribuem para o sucesso do ensino, perguntou-se à gestora se o currículo da escola está inserido na modalidade de ensino EJA, e se está adequado à realidade desses alunos. Ela afirmou que sim, pois a escola dá grande importância a essa modalidade de ensino. Segundo ela, trabalhar em sala de aula sem conhecer a realidade dos alunos, seu contexto histórico, os vínculos familiares, isto é, não procurar conhecê-los, é dificultar a aprendizagem dos alunos.

Dessa forma, é importante destacar que os professores deveriam repensar sobre suas metodologias, buscando inovações para o sucesso da aprendizagem desses alunos. Sobre isso, Gadotti (2008, p. 122) afirma que “Os professores que trabalham na EJA, em sua quase totalidade, não estão preparados para o campo específico de sua atuação [...].”

No que se refere à opinião da gestora em relação à melhoria do ensino na EJA, ela afirmou que não precisa de melhorias no ensino. De acordo com ela, os professores já são capacitados para atuar em sala de aula, e os materiais didáticos são suficientes para trabalhar em sala de aula, pois o livro didático ajuda bastante. Sabe-se que para um ensino de qualidade não basta somente o livro didático, o professor deveria utilizar vários recursos, mesmo não sendo oferecidos pela escola.

[...] “As práticas pedagógicas não se confrontam ao específico da educação de jovens e adultos, reproduzindo, muitas vezes o ensino regular de maneira inadequada e facilitadora.” (GADOTTI, 2008, p. 123). Portanto, a educação de jovens e adultos na Unidade Integrada Vivendo e Aprendendo, ainda está distante de uma educação almejada, pois a escola não disponibiliza recursos didáticos que atenda às necessidades dos alunos, uma vez que o livro didático é o único recurso utilizado pelo professor.

6 CONCLUSÃO

A alfabetização de jovens e adultos permeia-se numa perspectiva de contribuir para a construção de uma política educacional, na qual demonstre compromisso em vincular um ensino que favoreça o adulto que não teve oportunidade de estudar na idade adequada.

Desse modo, a alfabetização da EJA apresenta finalidades de encaminhar o aluno para mudanças, com perspectivas de transformação. Para que o aluno exerça seu papel de contribuir para uma sociedade mais democrática, que ele saiba ter opinião própria, que reflita criticamente em função de apresentar e analisar as ideias que lhes são apresentadas.

Acredita-se que o ensino possa ter avanços, de forma que o professor possa desenvolver atividades para as fragilidades apresentadas pelos sujeitos. Sendo assim, o profissional docente precisa de formação continuada, para que, assim, ele possa articular seu conhecimento de forma significativa.

Diante do que foi analisado, percebeu-se que os professores ainda têm uma postura focalizada no ensino tradicional, dessa forma, faz-se necessário que o ensino seja desenvolvido em função de novas perspectivas, com procedimentos inovadores. Pois, constatou-se que na educação de jovens e adultos ainda não há metodologias inovadoras.

Enfatiza-se que, na escola-campo, ainda não há mecanismos que possam desenvolver a alfabetização de acordo com as necessidades dos alunos. Constatou-se, também, que os professores não possuem uma formação especializada para atuar na EJA. A relação do professor com os alunos não possibilita o desenvolvimento de atividades coletivas, em que eles possam compartilhar suas experiências e conhecimentos, inviabilizando uma interação entre eles.

Sabe-se que é dever dos Estados e Municípios oferecerem a modalidade de ensino EJA. Pode-se afirmar, assim, que há a necessidade de ampliar as estruturas da escola, investir na formação do corpo docente para viabilizar a permanência desses jovens e adultos na escola, em função de novos saberes.

A pesquisa foi desenvolvida na Unidade Integrada Vivendo e Aprendendo, pois ela possui em sua proposta curricular a educação de jovens e adultos. Nesse

sentido, percebeu-se a preocupação da escola com essa modalidade de ensino. Contudo, ainda faz-se necessário refletir sobre a finalidade e objetivos propostos, pois, muitas vezes, a política educacional defendida pela escola, fica apenas no discurso e no papel, o que dificulta o êxito no processo de ensino e aprendizagem da EJA. Dessa forma, os alunos são desmotivados, fazendo com que ocorra a evasão e a repetência nessa modalidade de ensino.

A escola-campo observada não está devidamente preparada para desenvolver o ensino de jovens e adultos, pois ela não disponibiliza materiais didáticos que desenvolva um trabalho de qualidade. Observou-se que a escola tem a necessidade de refletir sobre as práticas docentes no que se refere à alfabetização, sobretudo, sobre as metodologias e estratégias de ensino, que possam facilitar a aprendizagem dos alunos na EJA.

Portando, sugere-se que haja uma participação do município na preparação e capacitação dos professores da educação de jovens e adultos. Por outro lado, os professores podem desenvolver oficinas utilizando materiais recicláveis, que possam diferenciar suas metodologias em sala de aula. A motivação de todos os membros da escola é outro importante fator que contribui para o sucesso escolar. A escola pode envolver a família nas atividades escolares, permitindo a socialização de todos.

Em suma, a alfabetização de jovens e adultos é uma modalidade de ensino que atende às pessoas que não tiveram oportunidade de estudar na idade adequada. Dessa forma, ela contribui para uma sociedade mais democrática, pois as pessoas têm acesso à escola e retomam os estudos para conquistar um espaço na sociedade, principalmente, no mercado de trabalho.

REFERÊNCIAS

ALVARES, Sonia Carbonell. **Educação estética para jovens e adultos:** a beleza no ensinar e no aprender. São Paulo: Cortez, 2010.

ARANHA, Maria Lucia de Arruda. **História da educação e da pedagogia**. 3 ed. rev.e ampl. São Paulo: Moderna, 2006.

BORUCHOVITCH, Evely. Dificuldade de aprendizagem, problemas motivacionais e estratégias de aprendizagem. In: SISTO, Fermino Fernandes (orgs). **Dificuldades de aprendizagem no contexto psicopedagógico.** 6 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

BRANDÃO, Carlos da Fonseca. **LDB passo a passo:** Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394/96 comentada e interpretada, artigo por artigo. 4 ed. São Paulo: Avercampo, 2010.

BRASIL, Ministério da educação. **Diretrizes curriculares nacionais educação básica.** MEC. Brasília, 2001.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. 46 ed. São Paulo: Saraiva 2012.

CAMPOS, Casemiro de Medeiros. **Saberes docentes e autonomia dos professores**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

CHAPADINHA, Projeto politico pedagógico. Unidade integrada vivendo e aprendendo. 2012.

DALMÁS, Angelo. **Planejamento Participativo na escola**: elaboração, acompanhamento e avaliação. 15 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

DIAZ Bordenave, Juan. **Estratégias de ensino–aprendizagem**. 30 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

DIDONET, Vital. **Plano Nacional de Educação**. Brasília: Editora Plano, 2000.

FERREIRO, Emília. **Com todas as letras.** 16 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

_____. **Reflexões sobre alfabetização.** 25 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1987.

_____. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. 45 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. **Educação e mudança.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

_____. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

FURINI, Doris R. M. DURAND, Olga C. da Silva; SANTOS, Pollyana dos. Sujeitos da Educação de Jovens e Adultos, espaços e múltiplos saberes In: LAFFIN, Mª Hermínia L. F. (org.). **Educação de Jovens e Adultos na diversidade.** Florianópolis Universidade Federal de Santa Catarina: 2011.

GADOTTI, Moacir (Org.) **Educação de jovens e adultos:** teoria, prática e proposta 10 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. **Concepção dialética da educação:** um estudo introdutório. 15 ed. – São Paulo: Cortez, 2006.

HAIDT, Regina Célia Cazaux. **curso de didática geral**. São Paulo: editora ática, 1995.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão da escola**: Teoria e Prática. 5 ed. Revista e ampliada- Goiânia: MF livro 2008.

LUCK, Heloisa. **Planejamento em orientação educacional**. 21 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009

MARTINS, Pura Lucia Oliver. **Conteúdos escolares**: a quem complete a seleção e a organização? In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro (Coord.). Repensando a didática. 23 ed. rev. e atual. Campinas, SP: Papirus, 2006.

MOURA, Manoel Oriosvaldo de, o educador matemático na coletividade de formação. In TIBALLI, Elianda F.arantes. **concepções e práticas em formação de professores:** diferentes olhares. Rio de Janeiro, 2003.

OTERO, Elizabete de Sousa et al. Alfabetização de Jovens e Adultos**:** Ainda um desafio para um velho problema. In:SILVA,Dinorá Fraga da (org.) **Para uma política educacional da alfabetização**. Campinas, SP: Papirus, 1991.

PIMENTA, Selma Garrido.**Saberes pedagógicos e atividades docentes.** 7ed. São Paulo: Cortez, 2009.

PINTO, Álvaro Vieira. **Sete lições sobre a Educação de adultos.** 16 ed. São Paulo, Cortez, 2010.

Proposta Curricular de Educação de Jovens e Adultos. Secretaria Municipal de Educação. Chapadinha, 2008.

SCHWARTZ, Suzana. **Alfabetização de jovens e adultos**: teoria e prática. Petrópolis, RJ: Vozes. 2010.

SILVA, Rafael Moreira da.**Textos didáticos**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2000.

TRIVINÔS. Augusto Nibaldo Silva. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais:** A pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: atlas. 2008.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Planejamento: projeto de Ensino-Aprendizagem e projeto politico-pedagógico – elementos metodológico para elaboração e realização**. 16 ed. São Paulo: Libertad Editora, 2000.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa:** como ensino. Porto Alegre: Artned, 1998.

APÊNDICES

APÊNDICE – A

Questionário para o professor

Formação
Experiência profissional
Trabalho na EJA

1. O que você leva em consideração no processo de ensino e aprendizagem?
   ( ) As necessidades da clientela
   ( ) As metodologias diferenciadas
   ( ) Os conteúdos curriculares

2. No plano de aula você leva em consideração:
   ( ) Os objetivos propostos
   ( ) Os conteúdos definidos
   ( ) Outros

3. Na sua vivência em sala de aula você reflete sobre: Quem estou ensinando e por que planejei a aula de tal forma?
   ( ) Sim /sempre
   ( ) Não
   ( ) Às vezes

4. Na alfabetização, quais os recursos utilizados na sala de aula?
   ( ) Ditados ou cópias de textos
   ( ) Exposição de cartazes
   ( ) Livros didáticos

5. Os conteúdos estão devidamente de acordo com a realidade dos alunos?

6. Na sua concepção, o que precisa para melhorar a educação de jovens e adultos?

7. Quais as dificuldades encontradas nas práticas pedagógicas em sala de aula?

APÊNDICE – B

Questionário para os alunos

1. Seu professor utiliza metodologias adequadas em sala de aula?
   ( ) Sim
   ( ) Não
   ( ) Às vezes

2. O que levou você a estudar na EJA?
   ( ) Necessidade de trabalhar
   ( ) Terminar os estudos
   ( ) Outros

3. Em sua opinião, o que é necessário mudar na EJA?
   ( ) Metodologia
   ( ) Conteúdos
   ( ) Não é necessário mudanças

4. O professor utiliza outros livros além dos livros didáticos?

5) Em seu ponto vista, o professor está preparado para atuar em sala de aula?

6) O professor trabalha de acordo com realidade de seu cotidiano?

APÊNDICE - C

Questionário para o gestor

1. A escola oferece formação continuada para professores da modalidade de ensino EJA? Por quê?

2. Os professores estão capacitados para trabalhar na educação de jovens e adultos? Justifique.

3. A escola oferece materiais didáticos para os professores trabalharem nessa modalidade de ensino? Quais?

4. No currículo da escola está contextualizando a educação de jovens e adultos? E os conteúdos, estão devidamente adequados à realidade dos alunos?

5. O que você faria para melhorar a modalidade de ensino EJA?